

LEON MENACHE¹

(Atenas, Grécia, 1943)



Leon Menache. S. Paulo, 7.5.2014.
Fotógrafo não identificado
Acervo: Arqshoah/Leer-USP.

1 Entrevista concedida por Leon Menache a Rachel Mizrahi, pesquisadora do Arqshoah/Leer-USP. S. Paulo, 7.5.2014. Vídeo: Lais Rigatto Cardilo. Transcrição: Renan Jacquet. Transcrição: Rachel Mizrahi e Tucci Carneiro, com revisão de Blima Lorber. Iconografia: Nanci Souza e Samara Konno.

Minhas raízes greco-sefaraditas

Nasci em 22 de junho de 1943 em Atenas, capital da Grécia. Meus pais eram Isaac Jacob Menache e Sara Menache. Tenho procurado resgatar minha história no Instituto Histórico Israelita Mineiro (Ihim), do qual sou diretor trabalhando ao lado de Jacques Levy. Sou economista e dou aulas na Universidade Federal de Minas Gerais, na Faculdade de Ciências Econômicas. Aposentei-me recentemente ao completar 70 anos. Tenho realizado no Ihim um trabalho semelhante ao vosso no Arqshoah em S. Paulo, de resgate da história e da memória dos judeus no Estado de Minas Gerais.



Atenas, cidade onde nasceu Leon Menache.
Google Maps.

Minha família é de origem sefaradita, procedente da Espanha – não sei exatamente de que região – com uma provável origem aragonesa, tendo como referência de que a família de minha avó paterna (Gattegno) era frequentadora da Sinagoga de Aragão em Salônica. Minha família fala o ladino, um espanhol medieval (junção do espanhol com palavras hebraicas, gregas e turcas), usado pelos judeus da Grécia. É falado cada vez menos e com risco de desaparecimento. Por uma feliz casualidade, meus netos aprenderam o espanhol durante uma longa estada na Argentina, mas não consegui passar o ladino para os meus filhos. Minha família – pai, mãe e minha irmã Bela – se comunicavam em ladino. Esse foi um fator preponderante para a escolha do Brasil, para onde viemos em 1954 como imigrantes.

Nossos ancestrais se instalaram em Salônica após saída da Espanha em 1492. A cidade caiu sob o domínio otomano em 1430, e minha família deve ter chegado por volta de 1492-1500. Os gregos retomaram Salônica em 1912, durante a Primeira Guerra Balcânica. Era uma cidade predominantemente judaica com 50 mil judeus, cerca de 40% da população, sendo o restante composto de gregos e turcos. Os judeus espanhóis se instalaram na península balcânica, território que pertencia ao Império Turco, onde foram bem acolhidos.^A Antes da Segunda Guerra Mundial, existiam, pelo menos, 45 sinagogas em Salônica, cada qual com um nome, frequentadas pelos naturais de cada região. Assim, havia a sinagoga dos sicilianos, dos portugueses, dos aragoneses, italianos etc.

Pelo lado paterno, sou Menache, provavelmente proveniente da Áustria desde o meu trisavô. Sou neto de Jacob Menache, pequeno comerciante ou empregado na área de tecidos. E os filhos foram seguindo no ramo. Sua esposa, minha avó, chamava-se Bea Gattegno, ambos nascidos na segunda metade do século XIX, na cidade de Salônica. Gattegno, segundo estudos de genealogia, remonta à Península Ibérica, na Espanha, mas o nome também indica passagem pela Itália.

Isaac Jacob Menache, meu pai, tinha mais sete irmãos, sendo um deles Leon, (do qual tenho o meu nome), imigrou para os Estados Unidos e depois voltou para Salônica. Os outros irmãos chamavam-se Avaham, Rachel, Esther, Sara, Sol e Benico, todos com nomes judaicos, e cresceram em Salônica. Meu pai era o oitavo filho. Com 9 anos, ele já

A-Em 1912, Salônica deixou de ser turca e passou a ser grega, após a conquista da cidade pelo Exército grego. Como consequência, ocorreu a helenização forçada da cidade, o que promoveu desconfiança entre os judeus, apesar das garantias oferecidas pelo novo governo. Houve casos de judeus que procuraram abrigo de nacionalidade de seus antepassados portugueses, austríacos ou espanhóis, recebendo autorização do governo português que, por meio do consulado luso em Salônica, passou a emitir certificados provisórios de nacionalidade (passaporte com a validade de um ano, renovável). Para conseguir essa identidade, o interessado deveria apresentar prova documental da respectiva ancestralidade, com base nas declarações juramentadas de duas testemunhas ou pelo conhecimento pessoal do cônsul. Mais de 300 famílias foram assim acolhidas: Angel, Amariglio, Almosnino, Abravanel, Benveniste, Barzilai, Covo, Cohen, Florentin, Levy, Molho, Misrahi, Nahmias, Pardo, Pinho, Segura, Saltiel, Strumza, Toron, Uziel e tantas outras. Alfredo de Mesquita, embaixador de Portugal em Istambul, foi o grande empreendedor dessa missão. Durante a Primeira Guerra Mundial, a Grécia alinhou-se do lado dos Aliados, e Salônica tornou-se a porta de entrada dos exércitos franco-britânicos no *front* meridional. Cf. "Judeus galego-portugueses de Salônica", *Queston Judaica*, 21 set. 2015. Disponível em: <<http://questonjudaica.blogspot.com.br/2015/09/judeus-galego-portugueses-de-salonica.html>>. Acesso em: 14 set. 2018.

ajudava o irmão mais velho que era casado. Posso dizer que formavam uma família de classe média.

Minha mãe chamava-se Sara Menache, nascida em Salônica, em 3 de abril de 1916, filha de Itzhac Leah e Buena Naar. Tinha quatro irmãs: Luna, Mathilde, Alegre e Bela. Assim, sou 100% sefaradita. Sara nasceu durante a Primeira Guerra Mundial, e tanto ela como meu pai foram impactados por esse conflito mundial.

Meus avôs maternos também eram de Salônica. Uma vez perguntei a um amigo espanhol se ele sabia de onde poderiam ser os Naar. Ele disse que existiam Naar na província de Jaen, na Espanha. Enfim, meus pais são de Salônica: meu pai, Isaac Jacob Menache, nasceu em 1907, ainda cidadão turco, porque os gregos somente tomaram Salônica em 1912, quando os turcos perderam essa cidade. Assim, quando a minha mãe nasceu em 1916, a cidade já era grega.

Meu pai cursou o primário em uma escola alemã, depois foi para a Alliance Israélite Universelle,^A além de estudar em uma escola italiana. Daí ele falar grego, francês, italiano e ladino. A Alliance era escola francesa para judeus, uma daquelas escolas criadas pelas potências hegemônicas para fazer um pouco de proselitismo cultural. Essa era uma alternativa para os judeus, uma vez que se percebia que o Império Turco já estava em decadência e que tinha pouco para nos oferecer em termos de cultura. Além de França, Alemanha, Itália, Estados Unidos e Inglaterra, a Alliance tinha ali suas escolas. Meu pai esforçava-se para me ensinar também o francês. Foi útil. Na vinda para o Brasil, eu tinha 12 anos e já sabia escrever em caracteres latinos, totalmente diferentes dos gregos.

A-Alliance Israélite Universelle: organização judaica internacional sediada em Paris (França), fundada em 1860 pelo estadista francês Adolphe Crémieux com o objetivo de instrumentalizar e prevenir os judeus contra o antissemitismo em várias partes do mundo, além de promover os ideais de autodefesa e autossuficiência judaica por meio da educação e do desenvolvimento profissional. Projetou-se ao estabelecer escolas de língua francesa para crianças judias em todo o Mediterrâneo no século XIX e início do século XX.



Alunos da escolar primária da Alliance School onde estudou Isaac Jacob Menache, pai de Leon. Salônica, 1928-1929. Fotografia não identificado. Yad Vashem. Disponível em: <http://www.yadvashem.org/yv/en/education/learning_environments/salonika/salonika.asp>. Acesso em: 20 jul. 2018.

Meu pai, por meio da Alliance “virou”, vamos dizer assim, mais internacionalista e, em função disso, não era simpático ao sionismo porque a orientação da escola era de que você pode ser judeu em casa e cidadão em qualquer lugar do mundo. Por tradição familiar, simpatizava com o socialismo e seguiu uma educação laica, absorvendo as culturas francesa e italiana e a visão judaica da Alliance.

Minha mãe Sara Menache era a quarta de cinco filhas. Ela teve uma formação um pouco diferente: estudou em duas ou três escolas judaicas instaladas no seu bairro, que ensinavam o hebraico, além do grego, e eram de orientação sionista. Tornou-se uma sionista fervorosa. Na escola judaica, além do francês, aprendeu o hebraico. Até que um dia os dois se encontraram. Enfim, convivi com as duas tendências. Meu pai por afinidades familiares acabou aderindo ao comunismo e chegou a fazer parte do Partido Comunista Grego, envolvendo-se em atividades partidárias de agitação e propaganda. Frequentemente, viajava pelas comunidades sefaraditas da Macedônia, da Turquia europeia, de Istambul e outras. E, assim como acabou acontecendo com muitos judeus, eles se tornaram sionistas na maturidade.

Chegou um momento em que o meu pai teve que aceitar a realidade, e, em longo prazo, posso dizer que a minha mãe tinha mais sabedoria e perspectiva histórica. Entendeu que os



Isaac Menache, com 18 anos, em frente da Tour Blanche, fortaleza no porto de Salônica, março de 1925. Acervo: Menache/BH; Arqshoah/Leer-USP.



Sara Leah e Isaac Menache durante o noivado. Salônica, 1938. Fotografia não identificado. Acervo: Menache/BH; Arqshoah/Leer-USP.



Casamento de Sara Leah e Isaac Menache, 1938. Fotografia não identificado. Acervo: Menache/BH; Arqshoah/Leer-USP.

judeus deveriam ter Israel como lar nacional. E acabou, no arrependimento, reconhecendo que ela tinha razão. A essa altura, o ídolo dele [Trotsky] já tinha também assumido essa posição, conforme ele encontrou nas memórias de Trotsky, que chegou à conclusão de que os judeus precisariam ter uma terra, um lar. O meu pai, em tempo, fez o seu “revisão” e chegou aonde minha mãe esperava. Mas ambos tiveram uma educação esmerada e, no caso da minha mãe, razoavelmente boa, considerando as possibilidades que se ofereciam às meninas naquela época e naquela região.

Meu pai e minha mãe [ela foi a única sobrevivente de sua família] com seus dois filhos imigraram para o Brasil em 1954. A irmã do meu pai, Rachel Menache, também sobreviveu ao Holocausto e casou-se com Alberto Carasso, com quem teve três filhos. Viúva, ela emigrou para Israel em 1952, formando um novo ramo familiar.

Os judeus de Salônica

Meus pais cresceram em um ambiente judaico, sendo Salônica uma “cidade judia”, onde a população não trabalhava aos sábados. Lá havia mais de 40 sinagogas, e a família de meu pai frequentava a sinagoga aragonesa.^A Em 1917, houve um grande incêndio na cidade que atingiu todo o bairro judeu [que ficava na área portuária] e desalojou 55 mil pessoas. Como ali existiam numerosas construções de madeira, o bairro ardeu por inteiro. Em consequência desse ocorrido, meus avôs maternos ficaram desabrigados, assim como milhares de outros judeus. Foi um impacto para eles, pois o fogo propagou-se rapidamente. Poderia ser um incêndio criminoso? Não se sabe! A comunidade judaica – impedida de reinstalar-se na mesma região – adquiriu uma grande área, mais afastada, que, durante a Primeira Guerra Mundial, serviu de caserna e hospital dos exércitos aliados, garantindo, assim, a sua presença na cidade.

Em 1912, na Primeira Guerra Balcânica, Salônica foi disputada por gregos, sérvios, turcos e búlgaros. Os gregos prevaleceram, e, por isso, a cidade tornou-se novamente grega. Durante a Primeira Guerra Salônica, a cidade também foi disputada. Os Aliados pretendiam abrir uma frente ao sul para atacar os alemães. Após hesitações, os gregos se dividiram entre o rei da Grécia, que era cunhado do *Kaiser*, e o primeiro-ministro Venizelos, que era pró-Aliados. Até que os Aliados forçaram entraram em Salônica. Desembarcaram por ali seus exércitos e ergueram instalações, casernas e hospitais que, posteriormente, foram abandonados.

A-A informação dada por Leon Menache de que a sua família frequentava a sinagoga aragonesa de Salônica expressa muito bem as identidades regionais dessa comunidade judaica cujas raízes nos levam até a Península Ibérica. A presença dos sefaraditas em Salônica pode ser revelada pela história das sinagogas locais identificadas de acordo com as regiões de origens das famílias que, desde o século XV, foram expulsas de Portugal e Espanha por serem judias. Essa diversidade reflete as divergências nos rituais de culto, as rivalidades entre as famílias, assim como as concorrências no mundo dos negócios. Assim, foram construídas em Salônica as seguintes sinagogas: Lisboa Yachan (antiga Lisboa, 1510) frequentada pelas famílias Afias, Benforado, Benveniste, Eskaloni; Lisboa Haddach (nova Lisboa); a Beth Aharon (1575), de galegos, frequentada pelos Abravanel, Alvo, David ou Saporta; Évora pelos Altaras Ergas, Bivas, Maloro, Pinto, Ovadia, Attias, Rouvio ou Amarillio; e a de Portugal pelas famílias Atias, Perera, Medina, Melo, Ferreira, Antunes, Raphael, Pereire, Paraira, Arari, Rangel, Miranda, Boueno, Hernández, Pera, Pérez, Pinto, Preciado, Santo, Vilar; a da Galiza era frequentada pelas famílias Cassouto, Pardo, Saragoussi, Toledano, Franco, Avayou, Israel, Leal, Sadoc, Zadoq, Cadoc, Cadoche, Cadoches, Cados, Kados, Cadosch, Kadosh ou Qadosh. Os sefaraditas espanhóis, catalães ou vindos da península itálica também tinham os seus próprios templos, chamados Aragon, Castilha, Catalão, Itália ou Sicília. Cf. “Judeus galego-portugueses de Salônica”, *Question Judaica*, 21 set. 2015. Disponível em: <<http://questomjudaica.blogspot.com.br/2015/09/judeus-galego-portugueses-de-salonica.html>>. Acesso em: 14 set. 2018.

Foi exatamente nessa área que os judeus desabrigados – que sobreviveram ao incêndio no porto – ergueram o novo bairro. Segundo minha mãe, ali havia um antigo hospital abandonado pelos ingleses que foi comprado pela comunidade judaica que, nessa periferia, instalou o novo bairro. O bairro judaico queimado, na área central, portuária, foi desapropriado pelas autoridades gregas que não permitiram o retorno dos judeus. Foi reurbanizado e vendido a terceiros. A vida dos judeus após a Primeira Guerra Mundial foi, realmente, de acomodação.

Após a conquista de Salônica pelos gregos em 1912, iniciou-se a política de helenização que impôs a nacionalidade e a cultura gregas. Abriam-se escolas gregas, e os judeus, assim como as outras comunidades, tiveram que aprender o idioma grego, mas era permitido, por algum tempo, o uso do ladino em documentos comerciais. O maior impacto para os judeus deu-se quando os gregos adotaram o domingo e tornaram o sábado, até então feriado, dia normal de trabalho.

Houve outro momento histórico importante para a cidade: em 1921, em decorrência do Tratado de Sèvres, os gregos avançaram sobre a Turquia para se impor na faixa costeira ocidental turca sobre o Mar Egeu, onde havia uma antiga presença grega (antes da era cristã) além de Constantinopla (Istambul). Os Aliados haviam dado a tutela dessa região aos gregos pela sua colaboração na Primeira Guerra Mundial, ficando assim justificada a presença de comunidades gregas. Tratava-se de uma espécie de recompensa. Os turcos não concordaram, mas os gregos desembarcaram em Esmirna e avançaram para o interior. Ocuparam militarmente a região, mas não

se deram por satisfeitos. Parece que incentivados pelos Aliados, eles avançaram um pouco mais.

O interesse pela região decorria em parte da disputa entre Inglaterra e França pelo domínio do Oriente Médio, pois ali existia uma área petrolífera. Os turcos reagiram sob a liderança de Kemal Atatürk, derrotando os gregos e causando o êxodo de 1,5 milhão de gregos que tiveram que ser absorvidos pela Grécia. Esta, por sua vez, expulsou 800 mil remanescentes turcos de seu território.



Famílias de judeus sefarditas de Salônica. Ilha de Rodas, 1924.

Disponível em: <<http://zivab david.blogspot.com.br/2012/12/sefarditas-no-imperio-otomano-iv-parte.html>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

Uma grande parte desses gregos da Turquia instalou-se em Salônica, como esforço de “helenizar” a cidade. Rompido o equilíbrio demográfico, Salônica tornou-se definitivamente grega. Os gregos recém-instalados tornaram-se elemento de fricção entre as comunidades. Chegou um momento, por volta de 1927, em que o domingo passou a ser observado e o sábado deixou de ser respeitado no porto. O porto deixou de “ser judaico”, sendo a maioria cristã. Meu avô materno (que trabalhava no porto) recolhia-se no sábado, com lágrimas nos olhos. Teve que se submeter! Isso impactou a família da minha mãe e, principalmente, o meu avô que era religioso. Enfim: a cidade “virou” grega, e os judeus passaram a ser minoria. Mesmo assim, mantinham uma comunidade representativa que acabava se encontrando nos clubes judaicos. Por exemplo, minha mãe, que era sionista, levou meu pai para o seu clube e vice-versa. Ambos se dedicavam ao teatro amador nos seus clubes. Assim acabaram se conhecendo, namoraram quatro ou cinco anos e, em 1938, se casaram.

O período do entreguerras foi duro para a Grécia, país pobre. Foi um período de conflitos: absorção de refugiados (em torno de 20% da população grega), crise de 1929, radicalização política (esquerda e direita), todos querendo oferecer uma solução. Havia sempre o temor de outro conflito mundial. Meu pai optou por fazer parte da esquerda: panfletava, era um ativista, corria para cá e para lá. E minha mãe com suas simpatias sionistas, até que os dois se encontraram. Cresciam os movimentos fascistas e comunistas, assim como o antissemitismo tradicional, reflexo do que ocorria no resto da Europa e na Alemanha em particular.

Os gregos tentavam conter esses sentimentos. Ocorriam essas radicalizações e existiam surtos de antissemitismo. Apareceram jornais e movimentos antissemitas, e os judeus começaram a sentir algumas incursões dos fascistas nos bairros da comunidade judaica. Lembra minha mãe que os fascistas entraram em seu bairro, o número 6, queimaram casas e deixaram feridos alguns judeus. Os gregos, no geral, não eram antissemitas, mas a religião cristã ortodoxa lhes impunha a tradição milenar do judeu deicida difícil de superar. No caso da Semana Santa, por exemplo, era difícil para um homem comum ficar impassível a toda aquela dramatização. Mas havia também gregos que, durante a Segunda Guerra Mundial, ajudaram os judeus, como aconteceu com a minha família.

Por seu lado, meu pai, durante a década de 1930, entregava-se de corpo e alma à atividade partidária. Desaparecia por alguns tempos, fugia da polícia e mudava a aparência (às vezes com bigode, com barba ou sem bigode). Por fim, sentindo o ambiente hostil e a falta de oportunidades, resolveu sair de Salônica. Foi quando decidiu se casar, criar família. Em 1938, mudou-se para Atenas, capital da Grécia, para onde, após algum tempo, minha mãe também foi. Casaram-se longe da família. Foi o lance que acabou salvando suas vidas durante o Holocausto. A quase totalidade da família que permaneceu em Salônica teve um triste fim em Auschwitz, em março de 1943. Com o valor do dote que recebera da família da esposa, Isaac abriu um pequeno negócio e passou a viver do comércio de roupas para homens.

Grécia ocupada pelos nazistas



Nazistas na Acrópole durante a ocupação da Grécia pela Alemanha.

Atenas, abril de 1941. Fotografia não identificado.

BundesArchiv. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/a-hist%C3%B3ria-das-repara%C3%A7%C3%B5es-alem%C3%A3s-do-p%C3%B3s-guerra/a-18592555>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

Em 1939, estourou a Segunda Guerra Mundial, e a Grécia foi atacada pela Itália. Estava no poder um governo fascista ditatorial, resultado do golpe militar conduzido pelo general Metaxas. Mussolini avançou pela Península Balcânica, sendo rechaçado pelos gregos. Em abril de 1941, os nazistas entraram na Grécia, dividindo-a com os italianos. Atenas ficou sob controle italiano e Salônica com os alemães nazistas.

Expulsaram o Exército inglês para Creta, de onde foram novamente expulsos. Assim, a Grécia entrou num período de ocupação: passaram fome e muitos pereceram durante o inverno tenebroso de 1942.

A situação para os judeus de Salônica ficou cada vez mais grave. A comunidade judaica ainda era grande e visível. Após um período de subterfúgios, enganação e ameaças à liderança



Nazistas ocupam Salônica em 9 de abril de 1941. Fotografia não identificado.

Disponível em: <<http://www.pappaspost.com/10-great-books-history-buffs-greece-world-war-ii/>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

judaica, inclusive contra o rabino-mor Zvi Koretz,^A os nazistas conseguiram uma lista com os nomes dos judeus, registrando-os e apropriando-se de seus bens, além de obrigá-los a usar a estrela de David. Por fim, os judeus foram encaminhados ao gueto delimitado à margem da ferrovia. No início de 1943, os judeus começam a ser deportados para Auschwitz, na Polônia; em dois meses, foram deportados por trem cerca

A-Zvi Koretz, de origem asquenazita, foi ordenado em Viena onde obteve o título de doutor em Árabe e Filosofia Medieval Islâmica, no Instituto de Estudos Orientais de Hamburgo. Atuou como rabino-mor de Salônica desde 1933 a partir do momento em que a liderança judaica procurava oferecer à comunidade uma visão mais moderna para o judaísmo na cidade. Apesar de ter substituído o líder tradicionalista Haim Habib, tornou-se impopular por sua postura arrogante e dúbia. Foi preso pelo Exército alemão um mês após a invasão da Grécia e enviado de volta para Viena onde permaneceu preso por oito meses, acusado de promulgar propaganda antialemã.



Gueto judaico de Salônica, s.d. Fotografia: Soldado nazista não identificado.

Disponível em: <http://www.elespanol.com/cultura/historia/20160804/145236219_0.html>. Acesso em: 20 jul. 2018.

de 50 mil judeus, entre eles membros paternos e maternos de minha família.^A

Pereceram em Auschwitz meus parentes diretos do lado paterno, Menache-Gattegno, além dos seus familiares em linha: minha avó Bea e seus filhos (meus tios), Avraham, Benico, esposas e filhos. As filhas (minhas tias), Esther, Sara e Sol, com seus filhos e maridos das famílias Naar, Estrumza e Cohen. Meu avô Jacob e o tio Leon faleceram antes da guerra. Meu pai já estava em Atenas. Minha tia Rachel, que tinha genro e filho na resistência grega, foi convencida e ajudada a fugir de Salônica. Teve ajuda do porteiro grego de seu prédio, que lhe concedeu abrigo no interior com sua família. Ela e suas duas filhas sobreviveram. Seu marido Alberto Carasso, como comunista, foi preso e executado em Salônica, e o filho Marco acabou falecendo, lutando com a resistência grega contra os nazistas. Ao genro que sobreviveu, a história da resistência grega lhe dedica um capítulo como Capetan Kitso.

Pouquíssimos judeus contaram com esses meios e essa sorte. Além de não falarem o grego com fluência, não sabiam em quem confiar, uma vez que era comum serem roubados e traídos. E, ademais, não tinham refúgio nem sustento: não possuíam parentes no interior para se esconderem. Na sua fuga, minha tia teve que se passar por surda-muda, pois não falava grego suficiente. Em 1952, emigrou para Israel.

Do lado materno, o desastre foi total. Além de familiares diretos em linha, Leah e Naar, desapareceram em Auschwitz meus avôs Itzhac e Buena; suas filhas Luna, com filhos e marido Isaac Massarano; Alegre com filhos e marido Abraham Nahum; Mathilde com filhos e marido Nissim Malah; e Bela, irmã solteira. Sara, minha mãe, que já morava em Atenas, se salvou.

A-Em 9 de abril de 1941, os alemães entraram em Salônica e lançaram as primeiras medidas antijudaicas. Meses mais tarde, os judeus foram levados para um gueto, e, em 15 de março de 1943, partiu o primeiro comboio com destino a Auschwitz-Birkenau, na Polônia. Em poucos meses, de março a agosto, ocorreu a deportação de quase toda a comunidade judaica de Salônica. No total, mais de 48 mil judeus de Salônica foram deportados, e menos de dois mil voltaram. Salônica tornou-se, depois de mais de 450 anos de vida sefardita, um lugar livre de judeus (*Judenrein*).

Leon Menache

Em 1938, meus pais se casaram e permaneceram em Atenas. Os italianos foram mais civilizados e, enquanto fizeram parte do Eixo, não permitiram que os alemães incomodassem os judeus. Não havia clara noção do tamanho do desastre que se desenhava em Salônica. Os nazistas, não confiando nos italianos, pressionavam. Meu pai, como mascate, tinha acesso e vendia diversas miudezas aos italianos, e, como havia cursado também escola italiana, foi convidado para ser seu intérprete, o que óbvia e delicadamente recusou. Durante a ocupação italiana, os judeus nada sofreram.

Em setembro de 1943, com a rendição da Itália, os nazistas ocupam Atenas. Ameaçam o rabino Barzilai e exigem dele a relação dos judeus de Atenas. Havia aproximadamente uns dois judeus dispersos numa população de 400 mil habitantes. Dispersos os judeus, os nazistas não conseguiam localizá-los. Falavam o grego com fluência e, principalmente, tiveram apoio da administração e da polícia ateniense que lhes forneceu identidades falsas. Isaac, Sara e Leon Menache tornaram-se Nikos, Marina e Leônidas Kanelópoulos. Os gregos ortodoxos foram instados pelo arcebispo Damaskinós, que se opôs aos alemães e pediu aos seus correligionários que dessem abrigo aos judeus. Condição diametralmente oposta àquela que ocorreu em Salônica.



Cerca de nove mil judeus reunidos na Praça Eleftherias para serem registrados e, posteriormente, enviados para trabalhos forçados. Disponível em: <<https://www.menorahnet.com.br/10111-2/>>. Acesso em: 20 jul. 2018.



Judeus reunidos na Praça Eleftherias para serem registrados e, posteriormente, enviados para trabalhos forçados. Bundesarchiv. Salônica, julho de 1942. Disponível em: <http://1.bp.blogspot.com/uTcitFrtOMo/UwM4r8GVrVI/AAAAAAAAAKco/ZDE2TaZ_Lo8/s1600/b8bb74ad652e6e53f07ddad061d250ca.jpg>. Acesso em: 20 jul. 2018.

A ocupação prosseguiu e a resistência grega começou a agir. Judeus da resistência sequestraram o rabino de Atenas, rasparam-lhe a barba, amordaçaram-no e o levaram para local desconhecido. Assim, os alemães não tiveram acesso à lista da população judaica de Atenas que era pequena, com cerca de dois habitantes. A tensão foi crescendo, e, ainda mais, ocorre um atentado no clube dos oficiais nazistas, com mortos. Em consequência, isolam-se quarteirões, capturam-se dezenas de reféns e suspeitos. A regra era clara: para cada morto alemão, 20 reféns fuzilados. Meu pai acabou sendo feito refém, preso e enviado para a prisão de condenados, na ilha de Egina. Desapareceu.

Minha mãe – que já tinha uma filha com 2 anos – percorreu todas as prisões alemãs atrás do marido. Falava o grego fluente. Por fim, encontrou o marido na ilha de Egina, onde havia uma prisão. Entretanto, não serviu para muito. Os reféns já estavam sendo fuzilados. A cada manhã abriam-se as portas e uma leva deles saía, e bam, bam, bam. Morriam os que iam e um pouco os que ficavam.

A terrível tortura que fez embranquecer os cabelos do meu pai de um dia para o outro foi repentinamente suspensa. Aos sobreviventes deu-se sobrevida, sendo transferidos como

mão de obra escrava na manutenção do aeroporto militar de Atenas, Tatoi, onde os alemães construíram barracões onde colocavam centenas de reféns que iriam trabalhar na manutenção ao aeroporto. Iniciava-se nova etapa no campo de concentração. Era o segundo semestre de 1942. À noite, o aeroporto era bombardeado: a pista, os reservatórios de combustível, as barracas dos presos, ia tudo pelos ares. Durante o dia se reconstruía tudo. Com a vida por um fio, isso durou até setembro de 1944. Fora do campo o drama era outro: faleceu a filha, minha primeira era, por falta de recursos médicos. Minha mãe subornou o guarda lá do campo com um cupom que permitiu a meu pai assistir ao enterro da filha Beatriz (Bea). Tive mais uma irmã, que nasceu depois da guerra em 1946, e que recebeu o nome de Bela, igual à irmã caçula da minha mãe.

Naquele campo-prisão, havia de tudo: ladrões, assassinos, pederastas e comunistas, o grupo de prisioneiros mais importante lá dentro. No aeroporto, de um lado, ficava o depósito de combustível; do outro, as baterias antiaéreas; e do outro, as barracas, os prisioneiros. Assim eles conviveram durante dois anos: sendo bombardeados, sobrevivendo, construindo, reconstruindo. Sobrevivendo em estado de pânico, com receio de que os ingleses cometessem algum erro nos bombardeios, que, via de regra, eram noturnos. Era uma constante as bombas caírem ao lado deles. Ali eles sobreviveram com a ajuda da Cruz Vermelha, que lhes dava víveres (café, chocolate). Assim, eles eram mantidos produtivos. Com todas as dificuldades do campo, eles sobreviveram: meu pai, um primo Charles Mordoch e um outro judeu, Samuel Pessach. Havia sempre uma camaradagem entre as pessoas de esquerda. E meu pai fazia parte da liderança desse grupo que tinha todos os tipos de gente. Ele acabou ficando lá até setembro ou outubro de 1944, quando os alemães deixaram a Grécia.

Em junho de 1943 eu nasci. Minha mãe, sozinha, recebeu ajuda de um amigo da família, estudante de medicina e participante da resistência, Emanuel Arouh. Não sei como, mas naquela situação conseguiram fazer o meu *brit milã**. A perseguição aos judeus recrudescu, mas, mesmo assim, buscávamos refúgio constantemente. Minha mãe vendia miudezas pelas ruas, expondo-se a ser reconhecida ao transitar ao lado dos algozes alemães. Assim, ela me criou durante esse tempo, me escondeu e assim sobrevivemos, os dois. Já não confiávamos em ninguém, dependendo de vizinhos incertos para obter víveres em troca de cupons de racionamento. Sobrevivência significava “esconder”, passar despercebido o máximo possível

e não dar chance para nenhum vizinho desconfiar. Muitas vezes ela tinha que se impor para conseguir arranjar um quarto para o nosso abrigo, pois faltavam casas. As pessoas tinham que se encaixar dentro de algum imóvel, onde já existiam outras pessoas escondidas.

Uma vez, minha mãe teve que negociar espaço. Não foi fácil encarar essa barra pedindo a uma senhora que lhe cedesse um quarto.

– A senhora tem um quarto sobrando, podia me dar? – perguntou.

– Não, não posso! – respondeu a senhora.

– Não adianta a senhora ficar com um quarto assim. É só eu e meu filho pequenininho. Imagina que, se não for eu, vai chegar aqui uma família com dois filhos, vai ser muito pior para você! – tentou argumentar.

Então, apesar de se esconder, minha mãe tinha também que se impor. Assim, ela foi escondida durante um tempo por uma família grega. Como eu disse, entre os gregos nós vamos encontrar, como em todos os outros países, aqueles que gostavam e aqueles que não gostavam de judeus. Mas ela teve a sorte de encontrar uma família grega cristã que nos acolheu. E de que forma? De tempos em tempos, ela ia até o campo levar comida para meu pai conseguir sobreviver, alguma coisa diferente da comida do campo. Ela recebia também uma cesta de víveres da Cruz Vermelha e, segundo ela, assim sobreviveu com café e chocolate. E por uns tempos viveu vendendo chocolate, vendendo café para ter algum dinheiro. Durante uma dessas visitas, o meu pai apresentou-lhe um companheiro do Partido que estava ali no campo. Esse cidadão conhecia a história do meu pai e se prontificou a nos esconder. Minha mãe costumava encontrar-se com a esposa dele (Ekaterina Athanassiadou) do lado de fora da cerca e conversavam. E, num determinado dia, esse cidadão – de nome Konstantinos Athanassiadis e que, há muito tempo, pretendo colocá-lo lá na Alameda dos Justos – falou para a mulher dele:

– Olha, vou te apresentar aqui a Sara ou a Marina (nome falso usado pela minha mãe). São judeus etc. Você leva eles e esconde lá em casa!

E ela nos levou! E isso não era uma coisa muito simples, porque, se pegassem um cristão ou algum cidadão grego escondendo judeus, eles teriam o mesmo fim que os judeus. Ela morava em Pireu, o grande porto de Atenas. E ali nós ficamos escondidos com uma outra família durante uns cinco, seis meses. Obviamente que eles sabiam quem éramos. Essa senhora tinha uma irmã que vivia apavorada, sabia que estava dando guarida a uma judia. Mas ficamos lá enquanto houve a possibilidade. Em uma determinada data, no final de 1943 ou início de 1944, Pireu foi bombardeado...! Um terrível bombardeio praticado pelos ingleses para destruir o porto que servia de apoio aos nazistas. E, nesse bombardeio, morreram muitos gregos também, pois as bombas acertaram muitos civis, atingiram muitas casas, forçando aquela família a se mudar. Quero dizer: não tiveram baixas não, mas levaram um susto ao perceberem que a coisa poderia piorar.

Essa família, assim como tantas outras, resolveu ir embora deixando-nos sem a guarda deles. Tivemos que buscar um novo local para morar: minha mãe saiu, procurou e conseguiu uma outra casa onde já morava, no andar de cima, uma senhora. Assim fomos sobrevivendo, com dificuldades. Eu adoeci, e ela tinha medo de chamar o médico que podia perceber, ao tirar a minha roupa, que eu era circuncidado e nos delatar. Mas, assim mesmo, ela chamou o médico que me cuidou e me deu alguma coisa e tal. As condições nessa casa realmente eram terríveis: vivíamos no quarto deitados no chão. Mesmo assim, sobrevivi.

Passamos por outra situação de perigo com aquela senhora que morava no andar de cima. Um certo dia, bateram na nossa janela. Minha mãe abriu e se deparou com um alemãozinho de todo tamanho. Aí ela “gelou. Mas fez “aquele tipo” de mulher durona e disse algumas palavras em alemão. Perguntou: “*Was wollen Sie?*” [O que você quer?]. O soldado falou o nome da senhora que morava lá em cima, e minha mãe respondeu: “Ahh, lá em cima?”. Ele agradeceu, e ela fechou a janela. Imaginem o jeito que ela ficava diante dessas dificuldades terríveis. Uma outra situação difícil: se ela não se apresentasse pessoalmente para pegar os víveres com os cupons de racionamento. Tinha medo, pois alguém poderia reconhecê-la. Mesmo assim, mandava uma vizinha com os cupons dela, e, até essa moça voltar, era um terror. Uma vez, minha mãe perguntou-lhe o seguinte, preocupada que um alemão a seguisse para ver para quem ela estava usando o cupom:

– Vem cá! Você está sempre com dois cupons. Se alguém te perguntar para quem você está levando esse segundo, o que você vai dizer?

– Ah, dona Marina, vou dizer que é para uma pessoa que vive lá comigo!

– Não, pelo amor de D’us, fala outra coisa, não diga isso!

Naquele momento, os alemães já haviam começado a Solução Final e estavam, realmente, chamando os judeus. A forma de atraí-los era distribuir algum alimento na sinagoga: arroz, feijão, açúcar. Então, a minha mãe ficou sabendo que uma vez por semana, ou que em tais e tais dias, os judeus podiam ir à sinagoga para receber víveres.

Mas tirou logo uma conclusão daquela informação e avisou as amigas: “Olha, não façam isso. Não se apresentem lá. Não queiram achar que isso aí é de graça. Não vão lá! Vocês entram na sinagoga e, se a porta de trás estiver fechada, tomem cuidado”.

Então, os alemães, durante um tempo, fizeram essa distribuição. Até que, certa vez, minha mãe passava pela esquina e viu uma fila de ônibus na frente da sinagoga. Perguntou para um grego:

– O que está acontecendo?

– Está acontecendo que eles estão pegando os judeus! – respondeu esse senhor.

Então, foi nesse momento que os alemães pegaram uns 700 ou mil judeus em Atenas, ou seja: aqueles que se apresentaram na sinagoga para receber arroz, feijão nas vésperas do *Pessach** de 1944. Minha mãe contava que cobriu o rosto dela com um xale, me apertou no colo, pois estava comigo, e saiu correndo, correndo. Assim levou a vida dela até o final da guerra enquanto o meu pai estava preso no campo. Ele ali cumpriu também a parte dele. Por volta de setembro ou outubro de 1944, os alemães se retiraram da Grécia, e ele foi solto. Mandaram-no embora! Ele contava que saiu muito desconfiado, não quis olhar para trás, achando que na saída seria metralhado, fuzilado. Mas não aconteceu nada disso. Andou até poder desaparecer e se apresentar em casa. Estava com 42, 45 quilos e com tuberculose. Tratou-se um pouquinho, pois logo começou uma guerra civil entre comunistas e nacionalistas, e o Exército o requisitou.

Leon Menache

Constataram que ele estava debilitado. Minha mãe foi logo dizendo: “Ele acabou de sair do campo de concentração, vocês já querem levá-lo novamente para guerra? Não tem jeito, está tuberculoso!”.



Isaac Jacob Menache (o primeiro à esquerda) no campo de trabalho forçado. Tatoi, 1944. Acervo: Menache/BH; Arqshoah/Leer-USP.



Isaac Jacob Menache (primeira fileira, em pé, o terceiro a partir da esquerda) com o grupo do Exército, 1944. Acervo: Menache/BH; Arqshoah/Leer-USP.



Isaac Jacob Menache (em pé, o terceiro a partir da esquerda) no campo de trabalho forçado do aeroporto militar de Atenas, sob ocupação alemã. 1944. Acervo: Menache/BH; Arqshoah/Leer-USP.

Cenas da minha vida

Assim meu pai escapou dessa e conseguiu se recuperar. Enquanto estava no campo, tinha dois amigos judeus que foram levados para trabalhar na Alemanha. Um deles, Charles, que era seu primo e falava também um pouco de alemão, foi trabalhar em uma fábrica por lá, onde conheceu sua futura esposa, uma judia de Salônica que havia sido submetida a algumas experiências lideradas pelo Dr. Mengele. Ela tinha sofrido algum tipo de operação, não tinha um dos ovários. Bem, esse primo encontrou essa moça por lá, casou-se com ela e voltou casado. Felizmente, ela conseguiu engravidar e tiveram um filho. Hoje eles moram na Espanha com a família. Salvaram-se. O irmão do Charles, Leon Mordoch, morou com meus pais em Atenas. Sua esposa era minha madrinha. Havia também um médico, meu padrinho e nosso amigo, que era da guerrilha, da resistência judaica na Grécia: Emmanuel Arouh. Um dia encontrei o seu retrato publicado na revista *Menorah* ou alguma coisa assim, em um artigo sobre a resistência grega. Ele era um daqueles que raptaram o rabino de Atenas para impedir a entrega da lista com os nomes dos judeus.

Meu pai acabou mantendo negócio com o Leon Mordoch, que tinha um pouco mais de dinheiro. Ele conseguiu convencer um barqueiro grego a passá-los para a Turquia. Assim se

salvaram: dois irmãos e a mãe. Então, voltando no tempo: enquanto meu pai esteve preso, esse Leon trabalhava com a minha mãe. Um dia, ele a convidou para segui-lo: “Vem comigo, porque assim nós teremos chance de nos salvar!”. Mas, como meu pai estava no campo, minha mãe não aceitou: “De forma alguma. Eu não vou embora, não vou sair daqui com o meu marido preso”. Ela ficou e os dois irmãos se salvaram, passando da Grécia para a Turquia e de lá para Israel. Anos depois, os primos Mordoch se encontraram na Espanha, mas perderam uma irmã que foi levada pelos alemães junto com seu filho pequeno. No trem – em uma daquelas estações de Salônica a Auschwitz – ela abriu a janelinha do vagão e jogou o filho para fora, pois ele era pequenininho e dava para passar pela janela. Viu um grego na estação, deu-lhe um anel e disse: “Entrega esse menino em tal lugar”. Ele levou o menino que assim se salvou e mora hoje na Espanha, e deve ter uns 75 anos. Eu vi uma cena desse tipo que, em francês, se chamava “Cenas da Vida”. Essa irmã nunca mais voltou, mas o menino se salvou. Dos 42.830 judeus de Salônica, quase todos deportados para Auschwitz-Birkenau, sobreviveram apenas 1.950.

Com o fim da guerra, procuramos notícias das famílias em Salônica. Exceto Rachel, ninguém se salvou. Minha mãe recebeu uma carta de uma pessoa amiga que havia empregado a sua irmã caçula, Bela. Ela trabalhava numa alfaiataria que era de um grego refugiado de Constantinopla (ainda naquela questão de 1922) e que se instalou em Salônica. Ele tinha essa alfaiataria e deu emprego à Bela que ali ficou de 1935 até 1944, quando foi levada pelos alemães. Esse alfaiate chamava-se Pericles Sarayotes. Em março de 1945, ele mandou uma carta para os meus pais dizendo:

– Olha, passou por aqui um ex-combatente e me deu notícias de vocês. Fiquei muito satisfeito que vocês estão vivos. Eu só queria dar notícias da sua família daqui. Infelizmente, aqui as notícias não são boas. No dia cinco de abril eu fiquei sabendo que os alemães iam recolher os judeus. No dia seguinte eu levantei cedo para ver. E de fato, lá pelas tantas, começaram a passar pessoas na frente da minha casa. Todos eles com suas malas, com suas mochilas, passaram marchando na frente da minha casa e eu vi a sua família. Eu vi passar na minha frente a sua mãe, sua irmã... Seu pai estava em um outro bairro. A Bela – que ficou comigo durante tanto tempo, coitada – se agarrou nas grades da minha porta e chorava desconsolada, mas eu não podia fazer anda. Porque conosco também os alemães nos tratavam

como bestas. E de fato passaram e nunca mais tivemos notícias. Eles estavam indo para aquele gueto no bairro Hirsch, na ferrovia, e de lá seriam deportados. Quer dizer, eu não sei se ela foi nesse mesmo dia ou nos dias seguintes, mas pelo menos no dia cinco passou na frente da casa. Depois, eu passei pela casa deles e, realmente, estava tudo desarrumado, cheio de retratos espalhados pelo chão. Recolhi e estou te mandando.

De fato, junto com a carta veio uma caixa de retratos que eu tenho até hoje. Depois meu pai esteve em Salônica, para ver se havia alguma coisa. Realmente, ele foi à casa dos pais e não achou nada. Pelo contrário, achou uma família morando lá que, evidentemente, não quis devolver nada e nem o receber. “De jeito nenhum, não vai levar coisa alguma!” disseram-lhe. Ele se incomodou muito. Mas trouxe um relógio de parede que era do irmão dele e que, quando vocês ouvirem essa fita, irão escutar ele batendo, porque ele bate! Ele pegou o relógio e falou: “Vocês podem ficar com tudo, mas isso aqui eu vou levar”. E levou, foi a única coisa que ele levou. E eu tenho esse relógio até hoje.

Um dia, resolvi procurar pelo Pericles Sarayotes. Pesquisei um pouco nas redes sociais, entendendo que, geralmente, os pais colocam os nomes dos avós em seus filhos: “Bom, vou procurar o nome Pericles... Pericles Sarayotes”. E não é que me respondeu um Pericles Sarayotes? Perguntei por um pai ou um avô que tinha uma alfaiataria em Salônica na década de 1930. E ele falou: “Olha, o meu avô chamava Pericles Sarayotes e ele tinha uma alfaiataria na Rua 25 de Março”. Eu falei: “Puxa vida... é você!”. Soube, então, que ele era economista e trabalhava no Banco Mundial em Viena. Nessa data estava de férias na casa do avô: na verdade ele era neto do Pericles, cujo filho chamava Dimitris. E então ele me contou, abrindo a conversa:

– Olha, eu tinha de 4 a 5 anos de idade. Eu me lembro quando a sua família e a sua tia Bela passaram pela nossa casa. Lembro que eu perguntei para o meu pai o que era aquilo. Ele me explicou na época sobre os alemães, nazistas, mas eu não entendi bem o que era. Eu me lembro até hoje que eu vi a sua tia chegar até nós – eu vi todas as suas irmãs – e deu, na ocasião, para o meu pai um anel e ela disse se eu voltar você me devolve, senão fica de lembrança. E agora esse Dimitris Sarayotes está com isso lá. O dia que eu fui a Salônica, ele vai me devolver, porque acha que isso pertence. Bem, por azar, eu estive em Salônica um

ano atrás, procurei dois, três Sarayotes e não descobri ninguém, nem consegui pegar esse anel de volta. Mas essa carta eu tenho até hoje. Minha mãe recebeu essa carta e guardou.

De fato, algum tempo depois ele me mandou o anel pelo correio.

Pós-guerra: o Brasil como opção

O retorno à normalidade da paz trouxe à tona a destruição e a miséria para os sobreviventes. Mas a Grécia ainda tinha um período difícil pela frente. Durante a reconstrução, teve início uma guerra civil entre comunistas e nacionalistas que se estendeu de 1946 a 1949.

Subemprego, falta de perspectiva e vontade de deixar para trás um passado de horrores colocaram-nos diante da possibilidade de imigrar. Esse período foi muito difícil para os meus pais, e, nas vésperas do nascimento da minha irmã, Bela, no final de 1945 ou início de 1946, eles me colocam num orfanato. Um orfanato de crianças judias que haviam sido recolhidas no pós-guerra, que tinham perdido os pais, a família, e seriam encaminhadas a Israel. Então, eu fiquei lá uns três ou quatro anos, pois meus pais não tinham condições de me manter. E eu entrei novinho, com quase 3 anos e ali fiquei até os 7. Esse orfanato ficava numa localidade perto de Atenas, em Kifissia. Recordo-me do carinho dos mais velhos para comigo, das visitas semanais de meus pais, do chocolate em grossas barras que vinha da América, junto com doações de roupas e sapatos. Da fila para tomar óleo de fígado de bacalhau, seguido com uma fatia de laranja, e do insuportável ovo mole diário que minha mãe implorava às cozinheiras que me fosse dado a qualquer custo. Eles iam me ver toda semana e me levavam algum agrado.

Eu fui para casa com 7 anos, comecei a estudar em uma escola pública. Meu pai, aos trancos e barrancos, foi se posicionando na vida, mas muito precário, sem muita perspectiva. Ele voltou ao trabalho comunitário, ajudando a cuidar dos sobreviventes, os que voltaram, os pobres! Minha mãe se queixava de que ele cuidava dos outros e não cuidava da família dele. E era mais ou menos por aí, até o momento em que eles falaram: “Bom, aqui não há perspectiva para os nossos filhos. Aqui não temos boas lembranças. Aqui temos só pobreza! Queremos alguma coisa melhor para nós e para os nossos filhos. Vamos sair daqui!”.

Poderiam escolher Austrália, Canadá e Brasil. Coincidentemente... – sempre o acaso, pois na história tudo parte do acaso – algumas coisas não acontecem do jeito que queremos. Mas há coisas que se encontram. Nessa época, eu estava passeando em Salônica com a minha tia, quando meus pais num barzinho encontraram a tripulação daquele navio-escola da Marinha brasileira que faz treinamentos pelo mundo afora. Foi quando começaram a ouvir uma língua parecida com o ladino e que soava conhecida. Era o português. E conversa vai, conversa vem: “Nós somos brasileiros, somos do Brasil. O Brasil é assim, Brasil assado”. Depois, trocaram ideias com o cônsul brasileiro e descobriram que no Brasil se falava uma língua parecida, que não teriam a “tortura” de aprender o inglês. Canadá? Não! A América não entusiasmava meu pai ideologicamente. Então eles falaram: “Vamos para o Brasil!”. E assim viemos para o Brasil em 1954. Toda a família! A essa altura, a família da minha tia, irmã do meu pai, já tinha ido para Israel.

Em 29 de setembro de 2014, fizemos 60 anos de Brasil. Viemos com a passagem paga pelo Joint, com uns cem ou duzentos dólares, que eles costuraram aqui na minha blusa sem eu saber.

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso **Sara Isac MENACHE**

Admitido em território nacional em caráter **permanente**
(temporário ou permanente)

Nos termos do art. **9** letra **-** do dec. n. **7967** de 1945

Lugar e data de nascimento **Salônica, 3/abril / 1916**

Nacionalidade **grega** Estado civil **casada**

Filiação (nome do Pai e da Mãe) **Isac e Bonena**

Profissão **domestica**

Residência no país de origem **Atenas**

	NOME	IDADE	SEXO
FILHOS MENORES DE 18 ANOS	Leon	11 anos	masculino
	Bella	8 anos	feminino

Passaporte n. **12688** expedido pelas autoridades de **Ministério do Interior da Grécia** na data **21 de junho de 1954** visado sob n. **563**

ASSINATURA DO PORTADOR:
S. Menache

Consulado _____ do Brasil em **Pireu** em **5 de julho de 1954**
O CONSUL: **SEBASTIÃO VITALIS** *Sebastião Vitalis*
Cônsul

NOTA—Esta ficha deve ser preenchida à máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.

MODELO S.C. 09
568.914

Ficha consular de imigração de Sara Isaac Menache, emitida pelo cônsul-geral do Brasil em Pireu, em 5 de julho de 1954. Anotados como filhos menores: Leon, com 11 anos, e Bela, com 8 anos, todos com vistos permanentes. Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah/Leer-USP.

Leon Menache

138

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso **Isac Jacob MENACHE**
Admitido em território nacional em caráter **permanente**
(temporário ou permanente)
Nos termos do art. **9** letra **-** do dec. n. **7967** de 1945
Lugar e data de nascimento **Salônica, 8 / janeiro 1909**
Nacionalidade **grega** Estado civil **casado**
Filiação (nome do Pai e da Mãe) **Jacob e Bea**
Profissão **camiseiro**
Residência no país de origem **Atenas.**

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

NOME	IDADE	SEXO
Leon	11 anos	masculino
Bela	8 anos	feminino

Passaporte n. **12688** expedido pelas autoridades de **Ministério do Interior da Grécia** na data **21 de junho de 1954**
visado sob n. **563**

Assinatura do portador: *Isac Jacob Menache*

Consulado **Pireu** do Brasil em **Pireu**
5 de julho de 1954
O CONSUL **PIREU VITALIS**
Consul

NOTA—Esta ficha deve ser preenchida à máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.



Ficha consular de imigração de Isaac Jacob Menache, emitida pelo cônsul-geral do Brasil em Pireu, em 5 de julho de 1954. Anotados como filhos menores: Leon, com 11 anos, e Bela, com 8 anos. Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah/Leer-USP.

Uma nova vida em Belo Horizonte

Éramos quatro sobreviventes de uma grande família: meus pais, minha irmã e eu. Passamos por Pireu, Corfu, Brindisi e Nápoles onde embarcamos no Bretagne, transatlântico francês. Depois, vieram Marselha, Barcelona, Dacar e atracamos no Rio de Janeiro, em 29 de setembro de 1954. A entrada na Baía de Guanabara, às 21 horas, é inesquecível pela visão fantasmagórica do Cristo Redentor suspenso no alto.

No Rio de Janeiro, encontravam-se dois primos sobreviventes: Elias e Guillaume Cohen. Após breve estada no Rio, onde nos impressionamos com a sirene das ambulâncias (bombardeio iminente?) e os bondes abertos, de velocidade alucinada, fomos para Belo Horizonte, onde encontramos uma comunidade sefaradita. Por que Belo Horizonte mesmo? Por causa do clima. S. Paulo já tinha fama de que o clima era mais duro, chovia muito. Belo Horizonte era menos úmido, com um clima parecido com o de Atenas. Tanto que o cônsul brasileiro falou lá em Atenas: “Temos muito judeus em Belo Horizonte cuja chegada foi em função do clima”. Lembro que muitos estavam tuberculosos, doentes e precisavam de um clima

bom. O pai do Jacques Levy, por exemplo, foi para Belo Horizonte por recomendação, não sei se médica ou pela fama. Belo Horizonte era um lugar para “sasar os pulmões”.

Chegamos a Belo Horizonte no final de 1954, quando a cidade tinha 400 mil habitantes. Havia pequenas comunidades gregas e judaicas às quais nos integramos naturalmente. Por afinidade cultural, estávamos mais próximos dos judeus, além, certamente, da acolhida que nos fez David Calvo. Entre os judeus, os sefaraditas eram minoria. Além da família Calvo, havia os Coronho, os Cohen (Nelson era casado com Judith Cohen de Salônica), os Saul e Maurício Elis, decano e líder da comunidade. Reuniam-se na sede social existente na Avenida Afonso Pena, em frente ao Parque Municipal.

Ali meu pai conheceu um bom sujeito: David Calvo, judeu de Esmirna, que o acolheu, apresentando-o à comunidade judaica, avalizando e lhe consignando mercadoria para vender. Começamos, também, a produzir camisas. Esqueci-me de dizer que, antes de sair da Grécia, o meu pai frequentou uns cursos dentro de uma outra instituição judaica, a Organização Judaica Mundial de Treinamento e Educação (ORT), onde aprendeu a pintar paredes e também corte e costura. Aprendeu a costurar roupas: camisas, cuecas, saias e anáguas, que, naquela época, ainda se usava. E, com isso, ele preferiu fazer esse trabalho: contratou umas costureiras, cortava em casa, depois mandava costurar fora. E aos poucos, foi fazendo um pequeno capital. Depois, alugou uma sala, alugou uma loja.

Todos procuravam nos ajudar. Até que um dia, uma amiga – por coincidência também de Salônica –, Judith Cohen (do bairro 12; minha mãe era do 6), deu uma dica para minha mãe. Costurar camisas era perda de tempo! O negócio era vender de casa em casa. E assim minha mãe se tornou “sacoleira”, contribuindo decisivamente para alcançar uma estabilidade econômica familiar. Meu pai mantinha a loja de um lado e minha mãe tinha o negócio dela do outro. Assim, os dois puderam reunir algum dinheiro. Depois a minha mãe fechou o negócio dela e se concentrou na loja. Pensou até em fazer faculdade! Minha irmã cursou Direito e eu fiz Economia.

Acho que meu pai ficou com medo de eu querer ser comerciante e vendeu a loja. “Não, meu filho, você vai ser professor. Você não vai fazer comércio coisa nenhuma!” Vendeu a loja e se aposentou. E assim eu segui a minha vida, minha irmã e eu nos formamos. Ela trabalhou com advocacia e eu com economia em várias empresas. Ao mesmo tempo, consegui também

ser professor. E acabei, vamos dizer, fazendo a vontade do meu pai. O orgulho dele: eu era professor. Eu estou feliz, pois fiquei 41 anos trabalhando na universidade. Podia ter saído com 35, como os demais colegas meus. Na verdade, eu não tinha dedicação exclusiva, pois mantinha outro emprego. Eu sou da época em que dava para fazer as duas coisas. Primeiro me aposentei fora da universidade. E, na universidade, fui até os 41 anos de exercício da profissão até sair compulsoriamente. Senão, continuaria!

Minha mensagem para o futuro

Apesar de ter havido uma grande mudança, em termos familiares, com a vinda ao Brasil, não guardo a percepção do antes e depois da saída da Grécia. Grande parte da minha infância e adolescência passei no Brasil e aqui construí meu ambiente.

Muitas lembranças ficaram da Grécia. Marcante foi o período que passei no orfanato, com roupas usadas e, principalmente, sapatos apertados. Agradável memória guardo dos



Leon Menache, a esposa Míriam e o filho Alberto. S. Paulo, 2014. Fotografia não identificado. Acervo: Menache/BH; Arqshoah/Leer-USP.

sete anos que frequentei, até os 11 anos, a escola pública grega, convivendo com cristãos ortodoxos e o seu “padre nosso”, com os deuses do Olimpo, Aquiles e Odisseu. Com amigos e vizinhos, a convivência era tranquila, apesar de nossas desconfianças. O conselho era: “Não precisa dizer a qualquer um que somos judeus”. Apenas uma vez, em eventual desavença de crianças, um menino me lançou a tradicional acusação de que os judeus haviam matado Cristo!

Porém, mais do que tudo isso, o que realmente é inesquecível e me emociona até hoje: de ter contado com a ajuda da família de Konstantinos Athanassiadis cuja esposa Ekaterina (Katina) abrigou minha mãe e a mim durante boa parte da guerra, arriscando a própria vida, salvando-nos da morte. Eles deveriam estar na Alameda dos Justos, reconhecidos pelo Yad Vashem. Até o presente, continuo ligado com a filha Angueliki. As palavras-chave de tudo isso são: humanidade, respeito e reconhecimento do outro respeitando suas diferenças.